



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

PROJETO “ENEGRECENDO O BRASIL”: CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS ANTIRRACISTAS E FEMINISTAS

RESUMO

Através da metodologia de autoetnografia defendida por Santos (2017), esta pesquisa objetiva expor os processos de construção de materiais didáticos antirracistas e feministas ao compreender a sua importância na elaboração de currículos que abarquem as diferenças, assim como compartilhar o que foi feito para que possa ser utilizado por outros educadores. A partir da vivência no Programa de Residência Pedagógica da UFRJ e no cotidiano escolar investigando narrativas e trajetórias de mulheres negras da história do Brasil, construiu-se um trabalho centrado no protagonismo dos estudantes e nas potencialidades de discursos que fogem da lógica hegemônica homogeneizante. Em diálogo com Candau (2023), Oliveira e Candau (2010), Gonzalez (2020), Freire (1996) e Trindade (2002), pautamos uma educação democrática, dialógica e decolonial.

Palavras-chave: educação intercultural, materiais didáticos, prática antirracista e feminista

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma pesquisa de metodologia autoetnográfica desenvolvida através da minha participação no Programa de Residência Pedagógica (PRP) da UFRJ. Em abril de 2023, a partir do Edital 24/2022 da CAPES, é implementado o segundo núcleo do PRP da Faculdade de Educação (FE) da UFRJ na subárea de Pedagogia. No intuito de preparar futuros professores visando uma educação pública de qualidade, o Programa possibilita a entrada profunda na vivência, planejamento e prática do cotidiano escolar. Para tanto, constrói-se a partir da parceria entre universidade e escola através de professoras do município do Rio de Janeiro e graduandas em Pedagogia. Nesse contexto, o Núcleo Diversidade - composto por quinze residentes, três professoras preceptoras nas escolas e uma professora orientadora na universidade - teve como foco o estudo e atuação no PRP sob uma perspectiva intercultural, antirracista e feminista a partir de autoras como Lélia Gonzalez e Azoilda Trindade.

A minha entrada no Programa se dá em uma escola localizada no subúrbio do Rio de Janeiro, na qual a turma de quarto ano recebeu cinco estudantes e educadoras em formação para trabalharem junto à professora regente, quem já desenvolvia uma prática em consonância com a proposta do Núcleo Diversidade. A partir dos laços afetivos e parcerias estabelecidas, surge, nesse contexto, o “Projeto Enegrecendo o Brasil: Mulheres Incríveis na História”, o qual buscou conhecer onze mulheres negras brasileiras desde o século XVII até os dias atuais. São elas: Na

Agontimé, Aqualtune, Tereza de Benguela, Dandara, Luíza Mahin, Maria Felipa, Mariana Crioula, Tia Ciata, Carolina Maria de Jesus, Dona Ivone Lara e Conceição Evaristo.

Nas pesquisas para a elaboração do projeto, nos deparamos com dificuldades de encontrar materiais didáticos e fontes confiáveis que pudessem auxiliar no estudo e preparo enquanto docentes. Compreendendo o apagamento histórico que acomete as narrativas contra-hegemônicas, percebemos a necessidade de construir os nossos próprios recursos didáticos e fontes de informação. Entre fichas, jogos, murais, textos e vídeos, a pesquisa gerou um arsenal de materiais e possibilidades pedagógicas a serem utilizados e, posteriormente, compartilhados.

Portanto, o presente trabalho visa explicitar o processo de construção de materiais didáticos na perspectiva antirracista e feminista compreendendo a sua importância para currículos interculturais que abarquem as diferenças. Objetivamos compartilhar o que foi feito para que possa ser utilizado por outros educadores e expor possibilidades para a construção de currículos outros. Ademais, dialogamos com Candau (2023), Oliveira e Candau (2010), Gonzalez (2020) e Trindade (2002) ao pautarmos uma educação democrática, dialógica e decolonial.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada no desenvolvimento desta pesquisa é a autoetnografia, definida por Santos (2017, p. 221) como

um método de pesquisa que: a) usa a experiência pessoal de um pesquisador para descrever e criticar as crenças culturais, práticas e experiências; b) reconhece e valoriza as relações de um pesquisador com os “outros” (sujeitos da pesquisa) e c) visa a uma profunda e cuidadosa autorreflexão, entendida aqui como reflexividade, para citar e interrogar as interseções entre o pessoal e o político, o sujeito e o social, o micro e o macro.

Tendo, portanto, a proposta de “descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural (Ellis, 2004)” (SANTOS, 2017, p. 220).

Nesse sentido, parto da minha experiência enquanto integrante do Programa de Residência Pedagógica - Núcleo Diversidade para refletir sobre as construções didáticas e práticas possíveis em uma perspectiva antirracista e feminista. A partir desta experiência é

possível observar e investigar os processos culturais, políticos e sociais que distinguem uma educação crítica e transformadora a qual tensiona as narrativas hegemônicas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Gonzalez (2020, p. 71) denuncia a violência simbólica que é exercida “de maneira especial sobre a mulher negra” historicamente através de discursos dominantes como o mito da democracia racial. Oliveira e Candau (2010) apontam para os conceitos de colonialidade do poder, do saber e do ser ao refletir sobre a relação entre colonialidade e educação. Entendendo o currículo tradicional como um reflexo da cultura hegemônica branca e europeia, esses conceitos nos ajudam a perceber o apagamento de conhecimentos e personalidades que contrariam a lógica dominante, dentre as quais destacam-se as mulheres negras.

A fim de “(...) enfrentar a monoculturalidade e a colonialidade presentes no processo educativo (...)” (CANDAU, 2023, p. 9), tomamos a perspectiva decolonial como guia. Para Walsh (2013, s/p *apud* CANDAU, 2023, p. 6)

O decolonial não vem de cima, mas debaixo, das margens e das fronteiras, das pessoas, das comunidades, dos movimentos, dos coletivos que desafiam, interrompem e transgridem as matrizes do poder colonial em suas práticas de ser, atuação, existência, criação e pensamento.

Ademais, fazemos coro à Trindade (2002) ao reconhecer a importância do papel que exercemos enquanto professoras nas vidas dos estudantes e destacar como fundamental um olhar sensível e verdadeiro na nossa prática, porque

(...) o(a) outro(a) sente, percebe, é influenciado por nós. Afinal, o(a) outro(a) e nós sentimos com todo o nosso corpo, com todos os nossos sentidos, com a pele, com o toque, com o olhar, todos(as) temos muitas formas de captar o mundo à nossa volta (...)
(TRINDADE, 2002, p. 12)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É através do projeto “Orality: outros saberes, outras histórias”, que visa a desconstrução da lógica monocultural a partir da literatura infantil e o qual já vinha sendo construído pela professora regente desde o início do ano, que a participação das residentes e o trabalho coletivo de fato se constrói. Partindo do livro “Alafiá”, de Sinara Rubia, o qual retrata uma princesa africana que é trazida para o Brasil e escravizada, mas foge tornando-se uma guerreira quilombola, nos perguntamos com a turma quantas Alafiás existiriam na história do

nosso país. Desse questionamento surgiu a necessidade de conhecermos essas mulheres, dando início ao Projeto Enegrecendo o Brasil: Mulheres Incríveis na História.

Como produto de toda a pesquisa, inicialmente foram produzidas onze fichas didáticas contendo a história de cada uma das personalidade estudadas. Seguimos um formato padrão que conta com uma minibiografia, uma imagem e dois jogos: caça-palavras e palavras-cruzadas. Uma vez prontas, as fichas formam um livro pertencente a cada estudante. Para completar, as crianças incluíram ao final a ficha “Você é incrível na minha história”, onde deveriam contar sobre uma mulher marcante nas suas vidas, desenhá-las e construir o seu próprio caça-palavras. Como desdobramento do trabalho inicial realizado com as fichas, fizemos um jogo didático em duas versões, online e de tabuleiro. Seguindo uma ideia semelhante, ambos os jogos trazem perguntas elaboradas pelas crianças sobre a vida de cada uma das mulheres. O tabuleiro impresso segue na escola e pode continuar sendo utilizado, enquanto a versão online foi compartilhada com as famílias e com profissionais da instituição.

Outra atividade realizada foram as colagens significativas a partir da compreensão da turma acerca de características marcantes de cada uma das mulheres. Divididos em duplas, os estudantes fizeram suas obras e elaboraram fichas informativas a serem colocadas em um mural no pátio da escola junto com as imagens, no intuito de circular essas produções e conhecimentos. A partir do conteúdo do mural, ainda produzimos uma série de vídeos socializados no instagram do Núcleo Diversidade, @residpedagogicauftrj, e que já contam com mais de dez mil visualizações. Tais vídeos consistem em narrações feitas pelas crianças sobre cada personagem sobrepostas à respectiva colagem e nome escrito com alfabeto móvel.

Por fim, ao aprenderem sobre o gênero textual carta, os educandos foram convidados a escrever uma correspondência para alguma das onze mulheres, contando o que descobriram com elas. Em carta destinada à Carolina Maria de Jesus, uma aluna escreveu: “Você provou que nada é impossível. E lembrou ao país que negros e mulheres também podem! Você lutou contra o racismo com unhas e dentes e eu vou continuar esta luta.” Esse trecho evidencia a potência de, não só conhecer as personagens ou os conteúdos, mas primordialmente de entender-se parte ativa na construção de uma sociedade mais justa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todas as etapas do projeto e da produção dos materiais, o protagonismo dos estudantes foi um ponto central. Como resultado, vimos a apropriação por parte da turma sobre as histórias e os conhecimentos, curriculares ou não, que se encontram embrenhados nessas narrativas. Ademais, a bem-sucedida socialização dos produtos com as famílias, comunidade escolar e virtual evidenciou o potencial de uma prática transformadora e contra-hegemônica, assim cumprindo o objetivo de expandir essa experiência para além da nossa sala de aula.

A construção de materiais didáticos que evidenciem outras histórias, trajetórias e modos de vida, são essenciais para a formação de um novo currículo, o qual entenda a interculturalidade e a decolonialidade como movimentos fundamentais para a formação das subjetividades presentes em nossas salas de aula. A partir deste trabalho e da participação no Programa de Residência Pedagógica, proporcionamos para estudantes, famílias, profissionais da escola e a nós mesmas enquanto professoras aprendizagens diversas e, acima de tudo, autoreconhecimento das nossas variadas identidades, potencialidades e protagonismo. Resgatamos Freire (1996) ao “Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável”. Para modificar o futuro é necessário perceber-se parte dele.

REFERÊNCIAS

CANDAU, V. M. (org). **Cotidiano, Educação e Culturas:** realizações, tensões e novas perspectivas. Rio de Janeiro: Ed. da Autora, 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In:* GONZALEZ, L. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano:** Ensaios, Intervenções e Diálogos. Organização: Flávio Rios e Márcia Lima. Rio Janeiro: Zahar, 2020, p. 67-83.

OLIVEIRA, L. F. de; CANDAU, V. M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, abr. 2010.

SANTOS, S. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural:** revista de ciências sociais USP, São Paulo, v.24, n.1, p. 214-241, jun. 2017.

TRINDADE, A. L. da. Olhando com o coração e sentindo com o corpo inteiro no cotidiano escolar. *In:* TRINDADE, A. L. da; SANTOS, R. dos (org.). **Multiculturalismo:** mil e uma faces da escola. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002. p.7-16.